



FORMAÇÃO EM AÇÃO

A LEITURA NO CONTEXTO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS



DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE
COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO
INDÍGENA E CIGANA



“Os Contos Indígenas Brasileiros nos mostram que a palavra cria, enfeitiça, embriaga, gera monstros, faz heróis, remete-nos para nossa própria memória ancestral e dá sentido ao nosso estar no mundo.”

Daniel Munduruku

OFICINA A LEITURA NO CONTEXTO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS



Conteúdos:

- A leitura relacionada à realidade das comunidades indígenas;
- O conhecimento dos estudantes indígenas e a prática da leitura desenvolvida nas escolas indígenas;
- As estratégias de leitura no contexto das escolas indígenas;
- Os processos mentais ativados durante as práticas de leitura;
- A seleção e adequação dos textos para o trabalho pedagógico com estudantes indígenas.

Objetivos:

- Despertar nos estudantes indígenas o interesse pela leitura nas línguas Kaingang, Guarani e Portuguesa;
- Relacionar a prática de leitura com temas de interesse dos estudantes indígenas;
- Compreender como se dá o processo de aquisição da leitura.

Introdução:

Em atendimento às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, a oficina visa atender as especificidades das escolas indígenas considerando os processos próprios de aprendizagem dos estudantes nelas matriculados.

Por entender que a língua materna tem importante papel na preservação da cultura, as escolas indígenas do Paraná ofertam ensino bilíngue, sendo que ao ingressar na escola os estudantes passam a ter ensino escolarizado das línguas Kaingang e Guaraní (de acordo com o pertencimento étnico da comunidade), além da língua portuguesa, o que torna o processo educacional mais exigente, tanto para os estudantes, quanto para os professores que atuam nas escolas estaduais indígenas.

Dentre as práticas educacionais para o ensino de línguas, a oficina prioriza a da leitura, fundamental para o domínio de qualquer idioma, enfatizando o cuidado criterioso, por parte do professor, na SELEÇÃO e ADEQUAÇÃO dos textos a serem trabalhados com os estudantes indígenas, de modo a obter resultados mais satisfatórios nas atividades que envolvem a leitura.

Um dos aspectos a ser levado em conta na adequação e seleção dos textos a serem utilizados nas práticas de leitura é que façam referência à realidade próxima (prática social inicial) dos estudantes indígenas, facilitando a INTERAÇÃO (uma das estratégias de leitura a serem fundamentadas durante a oficina) e garantindo que estes assimilem mais prontamente os conteúdos a serem ensinados/aprendidos. Os textos devem também fazer referência à realidade distante (prática social final), a fim de propiciar que os estudantes entrem em contato com outras realidades.

Destaca-se que o encaminhamento pedagógico dispensado durante a prática social inicial e a prática social final exige, do professor, posicionamentos diferenciados. No primeiro caso é possível que professores e alunos estabeleçam parcerias, já que configura uma situação de intercâmbio, de troca de conhecimento. No segundo caso, o professor assume a postura de mediador, aquele que constrói “pontes” entre o que o aluno conhece e o que ainda não vivenciou.

A seleção dos textos deve levar em conta o nível de escolaridade dos estudantes.

O assunto Estratégias de Leitura foi selecionado por ser fundamental para a construção de conhecimento e sistematização de informações, e por nos dar a conhecer aspectos sobre a leitura como processo, no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado sobre o assunto, o que já sabe sobre a língua e o sistema de escrita.

De acordo com Smith (2003) damos demasiado crédito aos olhos por enxergarem. Frequentemente seu papel na leitura é supervalorizado. Os olhos não veem, absolutamente, em um sentido literal. O cérebro determina o quê e como vemos. As decisões de percepção do cérebro estão baseadas apenas em parte na informação colhida pelos olhos, imensamente aumentadas pelo conhecimento que o cérebro já possui.

Em outras palavras, poderíamos dizer que a gente vê o que a gente sabe.

Para Smith dois fatores determinam a leitura: o que é visto pelos olhos, e aquilo que está “por trás” dos olhos: o conhecimento prévio do leitor.

Não se pode, diante disso, ignorar os conhecimentos trazidos pelos estudantes indígenas, ao chegarem à escola, e tampouco a realidade da comunidade onde vivem. Esses aspectos determinam a inferência feita nos textos, assuntos e conteúdos trabalhados pelo professor.

Para aproximar a oficina da realidade das escolas indígenas a Coordenação da Educação Indígena e Cigana/CEIC selecionou textos que retratam a cultura e a história indígena e textos escritos nas línguas Kaingang e Guarani, o que propiciará aos cursistas contato com a estrutura das línguas indígenas e auxiliará o ensino/aprendizagem destas e da Língua Portuguesa.

Para validar essa aproximação a CEIC consultou textos e entrevistas de Daniel Munduruku e Olívio Jekupé, escritores indígenas que relatam, como conhecedores da realidade das comunidades indígenas, a importância da prática social do uso das línguas: Kaingang, Guarani e Portuguesa, no caso das escolas indígenas do Paraná.

A CEIC selecionou excertos de textos e entrevistas de Daniel e Olívio para que docente e cursistas estabeleçam relações entre a realidade das comunidades indígenas e as teorias que embasam as estratégias de leitura, conteúdo proposto para a oficina do Programa Formação em Ação/1º semestre de 2016.

Por considerar que a prática da leitura e da escrita é de responsabilidade de todas as áreas do conhecimento e não somente do professor de Língua Portuguesa (BITENCOURT, 2001), a CEIC propõe que todos os professores, de todas as disciplinas e níveis de ensino, que atuam nas escolas indígenas, participem da oficina. Ressalta-se que as atividades aqui apresentadas podem ser trabalhadas em qualquer uma das disciplinas que compõem a Base Nacional Comum e a parte diversificada.

Providências Iniciais:

O docente deverá providenciar sala com equipamento tecnológico necessário para a realização da oficina: tela de projeção e projetor, salvar material em pendrive, se for o caso, e imprimir os textos (anexos 4, 5, 6, 7 e 8) a serem distribuídos para os cursistas e a cópia do roteiro.

MOMENTO 1:

1ª Atividade: Texto Estratégias de Leitura (anexo 1)

- Fazer a leitura do texto de acordo com a metodologia escolhida pelo docente: Texto impresso ou projeção, leitura individual, em grupo ou coletiva.
- Refletir sobre aspectos que chamaram a atenção dos cursistas: O que conhecem, destaques ou dúvidas.
- Informar que vivenciarão as estratégias de Antecipação, Inferência e Verificação durante a 2ª atividade.

2ª Atividade: Leitura compartilhada das entrevistas com Daniel Mandurucu e Olívio Jukupê (lâminas 5 e 6 do anexo 12 ou anexo 13 e 14).

- Projetar se possível, ou imprimir cópias para os cursistas.
- Refletir sobre a concepção de leitura apresentada pelos autores indígenas relacionando-as com as leituras e discussões feitas até o momento.

IMPORTANTE:

Sugere-se um olhar especial para esses textos. São declarações recheadas de sabedoria e conhecimento e que merecem leitura atenta, capaz de captar a essência das experiências compartilhadas.

3ª Atividade: Texto: O Roubo do Fogo (anexos 10 e 11) - As estratégias de antecipação, inferência e verificação – na Prática.

IMPORTANTE:

- As Estratégias de leitura são técnicas ou métodos que os leitores usam para adquirir a informação, e para facilitar o processo de compreensão em leitura. São planos flexíveis adaptados às diferentes situações que variam de acordo com o texto a ser lido e a abordagem elaborada previamente pelo leitor para facilitar a sua compreensão, (Duffy & Cols., 1987; Brown, 1994; Pellegrini, 1996; Kopke, 2001). Elas acontecem de forma consciente ou inconsciente e automaticamente.
- O docente não necessita (em nenhum dos blocos de questionamentos) responder ou confirmar as antecipações feitas pelos cursistas. A leitura do texto dará conta de confirmar, ou não, as previsões feitas pelos cursistas.

- Fazer uma pergunta de cada vez e esperar as manifestações (de acordo com o tempo disponibilizado para a atividade).
- É importante que todos participem.

Destaques:

Explicar que é um texto narrativo, ou seja, uma história que pode, ou não, retratar a crença do Guarani.

Como é um texto que menciona os indígenas Guarani, sugere-se um texto que retrate a cultura dos Kaingang, quando os cursistas pertencerem a essa etnia.

Sugestão: Origem do Fogo (anexo 2).

Substituir os textos, se julgar que a maioria dos cursistas já os conhece

Professor: O professor inicia a atividade mostrando **apenas o título do texto**. Poderá usar projeção ou texto impresso. Somente o docente fica com a cópia. (Se alguém conhecer o texto não deverá se manifestar)

A partir da leitura do título questiona:

Do que fala o texto?

Qual a tipologia textual?

Quem roubará o fogo? De quem será roubado?

Tem relação com os indígenas?

Quem são os personagens?

A que época faz referência?

Professor: Inicia a leitura do texto:

Em tempos antigos o Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade eles sabiam apenas que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.

Para a leitura e questiona:

Alguém imaginou que apareceriam urubus como personagens?

De onde os urubus conseguiram o fogo?

Quem tentará roubar o fogo dos urubus? E por quê?

Professor: lê mais um trecho:

O fogo estava com estas aves porque foram elas que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do sol

Mais questionamentos:

Como os urubus conseguiram se apossar do fogo?

Conseguiram na primeira tentativa?

Teve um urubu herói? Ou trabalharam em bando?

Alguém morreu? Alguém se queimou?

Após o roubo, quem cuida das brasas?

O que os urubus faziam com o fogo?

Quem teria interesse em se apossar do fogo?

Professor: lê mais um trecho:

Numa ocasião, quando o sol estava bem fraquinho e o dia não estava muito claro, os urubus foram até lá e retiraram algumas brasas as quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. Era por isso que somente estas aves comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro da floresta tinha este privilégio. Um dia, o grande herói Apopocúva retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequeí, guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus.

Questões:

Qual o plano de Apopocuva?

Quem participará do plano?

Os demais aceitaram participar?

Professor: lê mais um trecho:

Todos vocês sabem que os urubus usam fogo para cozinhar. Eles não sabem comer alimento cru. Por isso vou me fingir de morto bem debaixo do ninho deles. Todos vocês devem ficar escondidos e quando eu der uma ordem, avancem para cima deles e os espantem daqui. Dessa forma, poderemos pegar o fogo para nós. Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequeí deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.

Questões:

- Os urubus perceberam a presença de Nhanderequeí?
- Os indígenas levaram o plano até o fim?
- O que acontecerá com Nhanderequeí?

Professor: lê mais um trecho

Os urubus, lá do alto, observaram com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco.

O herói permaneceu o segundo dia do mesmo jeito. Sequer respirava direito para não criar desconfianças nos urubus que continuavam rodeando seu corpo. Foi no fim do terceiro dia, no entanto, que as aves baixaram as guardas. Ficavam imaginando que não era possível uma pessoa fingir-se de morta por tanto tempo. Ficavam confabulando entre si:

- Olhem, meus parentes urubus - dizia o chefe urubu - nenhum homem pode fingir-se de morto assim. Já decidi: vamos comê-lo. Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.

Questão:

E agora? Prosseguirão com o plano?

Professor: lê mais um trecho

Um grande alarido se ouviu. Os urubus aprovaram a decisão de seu chefe, e por isso imediatamente partiram para buscar as brasas. Trouxeram e acenderam uma fogueira bonita e vistosa.

O chefe dos urubus ordenou, então, que trouxessem a comida para ser assada. Um verdadeiro batalhão foi até a presa e a trouxe em seus bicos e garras. Eles acharam o corpo do herói um pouco pesado, mas consideraram bom, assim daria para todos os urubus.

Questões:

- Nhanderequeí permanecerá imóvel?
- Os seus companheiros reagiram?
- Ele está morto?

Professor: lê mais um trecho

Eles colocaram Nhanderequeí sobre o fogo

Questões:

O herói morre? Desiste?

É queimado? Por isso recebe o título de herói?

Algum truque? Segredo?

Professor: lê mais um trecho

...mas graças a uma resina que ele passou pelo corpo, o fogo não o queimava. Num certo momento, o herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus, que atônitos, voaram todos. Nhanderequeí aproveitou-se da surpresa e gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem alguma daquelas brasas ardentes.

Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que puderam para apagar as brasas, engoli-las e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral.

Questão:

Os indígenas conseguem alguma brasa?

Professor: lê mais um trecho

Acontece, no entanto, que na pressa de salvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas. Quando tudo se acalmou, Nhanderequeí chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para os outros na tentativa de saber quem havia salvo alguma brasinha, mas qual foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer.

Só temos carvão e cinzas - disse alguém no meio da multidão. - E para que nos há de servir isso? - falou Nhanderequeí.

- Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!

Questão:

Eles estavam certos?

O plano falhou?

Tentaram novamente?

Tem alguma surpresa?

Professor finaliza a leitura do texto

Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno curucu, dizendo:

- Durante a luta os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei na minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...

- Depressa. Pare de falar, meu caro curucu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente - disse Nhanderequeí, tomando a brasa em suas mãos e assoprando levemente.

Todos os animais ficaram atentos às ações do herói que tratava com muito cuidado aquele pequeno luzeiro. Pegou-o na mão e colocou um pouquinho de palha e assoprou novamente. Com isso ele conseguiu um pequeno riozinho de fumaça. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:

- Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.

Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens e com as aves.

Nhanderequeí soprou de novo. Ele fazia com todo cuidado, com todo jeito. Logo em seguida à fumaça, aconteceu um cheiro de queimado. Isso foi o bastante para que as aves se incomodassem e dissessem:

- Nós não gostamos desse cheiro que sai do fogo. Isso não é bom para as aves. Fiquem vocês com este fogo.

Dizendo isso, Nhanderequeí soprou ainda mais forte e, finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre.

Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem madeiras canelinha, criciúma, cacho de coqueiro e cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou os Apopocúva a fazer um pilãozinho onde guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre.

Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Apopocúva guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.

Ao final, o docente propõe que o grupo relacione a atividade vivenciada no texto “O Roubo do Fogo” com o conteúdo apresentado no texto “As Estratégias de Leitura” e compreendam, na prática, como acontecem as antecipações, inferências e avaliação.

Todos devem ser convidados a relatar as impressões sobre a atividade e possibilidades de realizá-la com os alunos.

MOMENTO 2:

4ª Atividade: Texto: Engorda Marido (anexo 4)

Distribuir o texto para que os cursistas leiam.

Após o termino questionar:

Conseguiram ler?

As lacunas impediram a compreensão do texto?

Explicar que: As estratégias de antecipação tornam possível prever o que ainda esta por vir. Com base em informações explícitas e em suposições. Se a linguagem não for muito rebuscada e o conteúdo não for muito novo. Nem muito difícil. E possível eliminar letras em cada uma das palavras escritas em um texto. E até mesmo uma palavra a cada cinco outras. Sem que a falta de informações prejudique a compreensão. Além de letras, sílabas e palavras. Antecipamos significados pelo fato de conhecermos os códigos linguísticos utilizados e a maneira como estes foram organizados.

5ª Atividade: Texto: Venhrán Kar Ke, Vy Ty Kanhgag Ni Paraná Ki. (anexo 5) e Texto: Oremborai (anexo 6)

Distribuir os dois textos para que os professores façam a leitura.

Questionar:

Se os textos Venhrán Kar Ke, Vy Ty Kanhgag Ni Paraná Ki e Oremborai foram construídos basicamente com os mesmos códigos linguísticos do texto Bolo Engorda Marido, por que as inferências se deram de maneiras diferentes?

Explicar que pelo fato dos códigos linguísticos estarem organizados de forma diferente daquela que é familiar para os falantes da Língua Portuguesa, torna-se quase impossível extrair significado ou fazer inferência.

Por haver, no grupo, falantes das línguas Kaingang e/ou Guarani, essa atividade permitirá que o docente faça uma exploração diferenciada no que se refere às inferências dos professores indígenas e dos não indígenas.

6ª Atividade: Texto: Para Ensinar a Ler (anexo 7)

Finalizar a oficina com a leitura, em grupo, do texto Para Ensinar a Ler.

Cada um dos cursistas será convidado a tecer comentários sobre o aprendizado da oficina.

7ª Atividade: Entrevista com Isabel Solé e Projeto de Leitura (anexo 8)

Se houver tempo, ler e discutir relacionando-o com os demais textos trabalhados na oficina, caso contrário disponibilizar para leitura complementar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de formação de professores alfabetizadores**. Brasília: Coletânea de Textos Módulo 1, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Brasília: Coletânea de Textos Módulo 2, 2001.

Ler, escrever e ser Guarani no Paraná / Secretaria de Educação. Superintendência da Educação, Departamento da Diversidade. Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Programa Paraná Alfabetizado – Curitiba: SEED – PR, 2010

Ler, escrever e ser Kaingang no Paraná / Secretaria de Educação. Superintendência da Educação, Departamento da Diversidade. Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Programa Paraná Alfabetizado – Curitiba: SEED – PR, 2010

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa**, Curitiba, 2006

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

Munduruk, Daniel. **Contos Indígenas Brasileiros**/ Daniel Munduruku; ilustrações Rogério Borges. - 2. ed. - São Paulo: Global, 2005.

BRASIL. **Referencial Curricular para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 428p.

SITES CONSULTADOS

http://danielmunduruku.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html

<http://ulbra-to.br/noticia/2014/05/26/Cofo-da-leitura-e-escrita-na-escola-indigena>

<http://multileituraskaingang.blogspot.com.br/2011/07/lenda-kaingang-origem-do-fogo.html>

<http://multileituraskaingang.blogspot.com.br/2011/08/lenda-kaingang-as-linguas-do-mundo.html><http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/34112/estrategias-de-leitura>

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/isabel-sole-leitura-exige-motivacao-objetivos-claros-estrategias-525401.shtml>

<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/49758>

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 09 out. 2015. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/col_2.pdf>. Acesso em 05 nov. 2015.

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/colet_m1.pdf

PRODUÇÃO

SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Departamento da Diversidade
Marise Ritzmann Loures

**Coordenação da Educação
Indígena e Cigana**
Denize Carvalho

EQUIPE

Gisele Brunetti
Gerusa dos Santos Coelho
Maria Daise Taschetto Rech

Diretoria de Políticas e Tecnologias Educacionais

Coordenação de Produção Multimídia

Projeto Gráfico
Joise Lilian do Nascimento

Diagramação
Edna do Rocio Becker
Fernanda Serrer



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO